



Babesia spp. PCR

Instruções de uso

REF VET101

Revisão: Janeiro/2026

Bioclin · QUIBASA

ÍNDICE

Finalidade	3
Princípio de Ação	3
Apresentação	3
Reagentes	4
Equipamentos e Insumos Operacionais	4
Condições de Armazenamento e Transporte	4
Cuidados Especiais	4
Amostras	5
Procedimento	6
A. Extração do DNA	6
B . Preparo dos Reagentes	7
C . Diluição dos Padrões Quantitativos	7
D. Preparo da PCR	7
E . Definições do termociclador para a PCR em Tempo Real	8
F . Validação do Resultado	9
G . Interpretação do resultado	10
Limitações do Processo	11
Sensibilidade Analítica	11
Significado Clínico	11
Referências Bibliográficas	13
Atendimento ao Consumidor	14
Simbologia Universal	15

FINALIDADE

Teste para detecção quantitativa do DNA de espécies do gênero *Babesia* em amostras biológicas através da reação em cadeia da polimerase (PCR) em tempo real. Produto desenvolvido para diagnóstico molecular veterinário *in vitro*. O uso deve ser restrito a profissionais qualificados e conforme as legislações e normas técnicas aplicáveis.

PRINCÍPIO DE AÇÃO

O kit **Bio Gene Vet *Babesia* spp. PCR** é um ensaio *in vitro* baseado na detecção quantitativa do DNA de *Babesia* spp. através da PCR em tempo real. O método de PCR em Tempo Real é usado para amplificar o DNA do patógeno. Um termociclador de PCR em Tempo Real é usado para amplificar e detectar a sonda fluorescente. O software do aparelho calcula a concentração de DNA do patógeno expressa em cópias/ μL , utilizando a curva padrão gerada a partir do padrão quantitativo contido no kit.

APRESENTAÇÃO

Reagente	Apresentação	
	Bio Gene Vet <i>Babesia</i> spp. PCR	
	50 Testes	100 Testes
R1	1 x 55 μL	1 x 110 μL
R2	1 x 500 μL	1 x 1,0 mL
R3	1 x 55 μL	1 x 110 μL
R4	1 x 250 μL	1 x 500 μL
R5	1 x 750 μL	1 x 1,5 mL
R6	1 x 750 μL	1 x 1,5 mL
R7	1 x 250 μL	1 x 500 μL

REAGENTES

- R1. Solução PCR:** Primer, Sonda, TRIS-HCl.
- R2. Mix Taq:** Polimerase, dNTPs, MgCl₂, Estabilizantes.
- R3. Solução PCR Cl:** Primer, Sonda, TRIS-HCl.
- R4. Padrão A (2 x 10⁵ cópias/μL):** Plasmídeo, TRIS-HCl, EDTA.
- R5. Diluente:** TRIS-HCl, EDTA.
- R6. Água:** Água livre de DNase/RNase.
- R7. Controle Interno:** Plasmídeo, TRIS-HCl, EDTA.

EQUIPAMENTOS E INSUMOS OPERACIONAIS

Materiais contidos no kit:

- Reagentes descritos no quadro anterior.
- Instruções de uso (manual).

Materiais necessários, mas não contidos no kit:

- 1- Sistema ótico programável de detecção de fluorescência (Termociclador Real-Time PCR);
- 2- Capela de fluxo laminar;
- 3- Tubos de centrifuga de 1,5 mL;
- 4- Tubos ou placas para PCR;
- 5- Luvas de látex descartáveis livres de pó ou material similar;
- 6- Microcentrifuga;
- 7- Vórtex;
- 8- Micropipetas e ponteiros estéreis com filtro (0,5-10 μL, 10-100 μL, 100-1000 μL);
- 9- Kit para extração de ácidos nucleicos ;

CONDIÇÕES DE ARMAZENAMENTO E TRANSPORTE

A temperatura de armazenamento e transporte é de -20°C (-10 a -30°C). Evite realizar mais de cinco ciclos de congelamento e descongelamento dos reagentes. Caso seja necessária uma utilização mais frequente, recomenda-se a aliquotagem dos reagentes para preservar sua estabilidade e desempenho. Manter ao abrigo da luz e evitar umidade.

CUIDADOS ESPECIAIS

- 1- Produto desenvolvido para diagnóstico molecular veterinário *in vitro*. O uso deve ser restrito a profissionais qualificados e conforme as legislações e normas técnicas aplicáveis.
- 2- Seguir com rigor a metodologia proposta para a obtenção de resultados exatos.

3- Manusear e descartar todas as amostras biológicas, reagentes e materiais utilizados para realização do ensaio como se fossem capazes de transmitir agentes infecciosos. Evitar contato direto com as amostras biológicas e os reagentes. Evitar derrames ou aerossol. Os resíduos devem ser manuseados e descartados de acordo com as medidas de segurança adequadas.

4- Procedimentos de biologia molecular, tais como a extração de ácidos nucleicos, transcrição reversa, amplificação e detecção requerem pessoal qualificado para evitar o risco de resultados errados, especialmente devido à degradação de ácidos nucleicos contidos nas amostras ou contaminação da amostra por produtos de amplificação.

5- É necessário dispor de áreas separadas para a extração/preparação de reações e para a amplificação/detecção de produtos. Nunca introduzir um produto de amplificação na área destinada para a extração ou preparação de reações.

6- Todas as amostras e reagentes devem ser manipulados sob uma capela de fluxo laminar. As pipetas devem ser usadas com ponteiros com filtro. As ponteiros empregadas devem ser estéreis, livres de DNases e RNases.

7- Evitar o congelamento e descongelamento repetido dos reagentes.

8- Armazenar as amostras de DNA a -20°C, caso não sejam utilizadas imediatamente.

9- Não usar o kit após a data de validade.

10- Recomendamos aplicar as normas locais, estaduais e federais de proteção ambiental para que o descarte dos reagentes e do material biológico seja feito de acordo com a legislação vigente.

11- Para obtenção de informações relacionadas à biossegurança ou em caso de acidentes com o produto, consultar as FDS (Ficha com Dados de Segurança) disponibilizadas no site www.bioclin.com.br ou através de solicitação pelo SAC (Serviço de Assessoria ao Cliente) da Quibasa.

12- Não utilizar o produto em caso de danos na embalagem.

13- É imprescindível que os instrumentos e equipamentos utilizados estejam devidamente calibrados e submetidos às manutenções periódicas.

AMOSTRAS

Este kit pode ser utilizado com amostras de DNA extraídas de sangue total com EDTA e tecido esplênico (biópsia ou fragmentos de baço obtidos em necropsias).

NOTA: Para o diagnóstico molecular de *Babesia* spp. em cães, o sangue total com EDTA é considerado a matriz de escolha, pois o parasito é um protozoário intraeritrocitário e a parasitemia é detectável na circulação periférica, inclusive em infecções subclínicas ou com baixa carga parasitária. Estudos de epidemiologia molecular e de prevalência em cães de áreas endêmicas utilizam rotineiramente sangue total com EDTA como amostra padrão para detecção de DNA de *Babesia* spp. por PCR. Em situações de óbito ou necropsia, o tecido esplênico é descrito como amostra útil para PCR, por concentrar eritrócitos parasitados, embora sua coleta seja mais invasiva e limitada a contextos específicos. A correlação entre o quadro clínico (anemia hemolítica, febre, letargia, trombocitopenia, icterícia, hemoglobinúria) e o momento da coleta é fundamental para maximizar a sensibilidade diagnóstica, tanto em animais com doença aguda quanto em cães cronicamente infectados ou portadores subclínicos.

Outros tipos de amostra podem ser utilizados de acordo com recomendações médicas ou do próprio laboratório. As amostras devem ser coletadas de acordo com as recomendações do laboratório para testes moleculares. Devem ser transportadas e armazenadas entre 2 e 8°C por até 3 dias¹. Utilizar amostras de DNA com pureza e concentração adequadas para amplificação por PCR. Deve-se evitar o congelamento e descongelamento repetido.

PROCEDIMENTO

A. Extração do DNA

Os ácidos nucleicos (DNA) das amostras devem ser extraídos seguindo as instruções de uso do kit escolhido. Para o controle do processo de extração, o **Controle Interno (R7)** deve ser preparado (vide item B) e adicionado às amostras durante a extração, conforme descrito abaixo:

- 1- Adicionar 5 µL do **Controle Interno (R7)** a cada tubo contendo as amostras já ressuspensas em tampão de extração / lise.
- 2- Completar o processo de extração de acordo com as instruções de uso do kit de extração.

OBS.: Nunca adicionar o **Controle Interno (R7)** diretamente à amostra biológica pura, pois pode resultar em degradação do mesmo.

B. Preparo dos reagentes

Os reagentes **R4** e **R7** contêm molde de DNA. Eles devem ser manipulados em área apropriada para evitar a contaminação dos demais reagentes.

- 1- Centrifugar (pulso spin) os reagentes **Solução PCR (R1)**, **Solução PCR CI (R3)**, **Padrão A (R4)** e **Controle Interno (R7)** antes da abertura dos microtubos.
- 2- O **Mix Taq (R2)** não contém fluoróforo de referência passiva (ROX).

C. Diluição dos Padrões Quantitativos*

- 1- Separar 3 microtubos (não fornecidos no kit) adequados para a diluição seriada do **Padrão A (R4)**.
- 2- Pipetar 90 μL do **Diluente (R5)** em cada microtubo e nomeá-los como B, C e D respectivamente.
- 3- Em seguida, pipetar 10 μL do **Padrão A (R4)** no microtubo B e homogeneizar.
- 4- Trocar a ponteira e pipetar 10 μL do microtubo B no microtubo C e homogeneizar.
- 5- Trocar a ponteira e pipetar 10 μL do microtubo C no microtubo D e homogeneizar.
- 6- No final da diluição temos padrões A, B, C e D com as seguintes concentrações:
Padrão A – 2×10^5 cópias/ μL
Padrão B – 2×10^4 cópias/ μL
Padrão C – 2×10^3 cópias/ μL
Padrão D – 2×10^2 cópias/ μL

**A diluição da curva padrão deve ser realizada para o teste quantitativo.*

D. Preparo da PCR

- 1- Separar previamente os microtubos/poços a serem utilizados, de acordo com o número de amostras, Controles e Padrões Quantitativos a serem analisados.
- 2- Preparar o volume da solução de PCR final de acordo com o número de reações a ser realizadas.

Reagentes	1 Reação/ Teste	25 Reações/ Testes	50 Reações/ Testes	100 Reações/ Testes
Mix Taq (R2)	10 µL	250 µL	500 µL	1 mL
Solução PCR (R1)	1 µL	25 µL	50 µL	100 µL
Solução PCR CI (R3)	1 µL	25 µL	50 µL	100 µL
Água (R6)	3 µL	75 µL	150 µL	300 µL

Para o preparo de número de reação diferente deve-se multiplicar o volume dos reagentes para 1 reação pelo número de reações necessárias.

3- Pipetar 15 µL da solução de PCR final nos tubos ou poços determinados para as reações.

4- Adicionar 5 µL do DNA extraído da amostra ou 5 µL do Padrão Quantitativo ou 5 µL de **Água (R6)**, usada como controle negativo.

5- Homogeneizar bem.

6- Observe que o volume total da reação é de 20 µL, e cada corrida de PCR deve incluir os controles relevantes (Controle Negativo e Padrões Quantitativos).

7- Homogeneizar bem.

8- Transporte os tubos/placa para o termociclador.

E. Definições do termociclador para a PCR em Tempo Real

Verificar o manual de operação do equipamento de PCR em tempo real para a programação do experimento.

1- Defina o tipo de experimento:

Teste Quantitativo com Curva Padrão ou Teste Qualitativo.

OBS.: No caso do teste qualitativo, o **Padrão A (R4)** pode ser utilizado como Controle Positivo de amplificação.

2- Defina os detectores (sondas) fluorescentes como:

Alvo	Detector	Quencher
<i>Babesia spp.</i>	FAM	NFQ-MGB
Controle Interno	VIC	

OBS.:

- Os Padrões Quantitativos não apresentam o Controle Interno (VIC), pois o mesmo é utilizado para o controle da extração e da amplificação das amostras.
- As amostras extraídas devem ser marcadas com os detectores FAM e VIC.

3- Defina os Padrões Quantitativos (Standards) como*:

Padrão A – 2×10^5 cópias/ μ L

Padrão B – 2×10^4 cópias/ μ L

Padrão C – 2×10^3 cópias/ μ L

Padrão D – 2×10^2 cópias/ μ L

**Programação utilizada no teste quantitativo.*

4- Defina as condições dos ciclos:

Etapas	Temperatura	Tempo	Ciclos
1	95°C	3 minutos	1
2	95°C	15 segundos	45
	60°C	60 segundos	

Defina "Data Collection" como "stage 2, step 2 (60°C - 0:60)".

F. Validação do Resultado
1- Curva padrão

Curva padrão	Faixa permitida	Amplificação/Deteção
Coefficiente de correlação (R^2)	$0,99 \leq R^2 \leq 1,00$	Válida

Se o valor de R^2 não ficar entre os limites da faixa permitida, o resultado é considerado inválido e o teste deve ser repetido.

2- Amostras

<i>Babesia</i> spp.		Resultado	Detecção
FAM	VIC		
Presença de amplificação ou Concentração determinada	CT ≤ 35	Positivo	Válida
	CT > 35	Positivo	Inválida*
Ausência de amplificação ou Concentração indeterminada	CT ≤ 35	Negativo	Válida
	CT > 35	Negativo	Inválida*

***OBS.:** Os valores de CT do Controle Interno variam de acordo com as condições do processo, como a eficiência da extração do DNA, a concentração das amostras e as configurações do termociclador. Logo, estas condições devem ser avaliadas quando os valores de CT não forem adequados e, se pertinente, os resultados podem ser validados.

Exemplo: Amostras com alto número de cópias de DNA podem, em alguns casos, inibir a amplificação do Controle Interno resultando em valor de CT fora da faixa ideal, este resultado não invalida o teste.

Se os requisitos acima não forem cumpridos, o ensaio é considerado inválido e o teste deve ser repetido.

G. Interpretação do resultado

O kit é capaz de detectar de 10 a 1.000.000 de cópias por reação.

O software do termociclador calcula automaticamente a concentração das amostras.

Exemplo: Se o programa mostrar uma concentração como 2.00E+005, então a concentração da amostra será 2.0×10^5 cópias/ μ L.

Resultado da Amostra em cópias/ μ L (FAM)	Cópias por reação
$\geq 1 \times 10^6$	> 1.000.000
$2 \leq \text{Quantidade} \leq 9 \times 10^5$	Quantidade obtida
< 2	< 10

A não detecção do DNA do patógeno não exclui a presença de infecção quando o título do patógeno estiver abaixo do limite de detecção deste kit.

Os resultados fornecidos por este kit devem ser interpretados pelo profissional médico responsável, não sendo o único critério para a determinação do diagnóstico e/ou tratamento do paciente.

Os resultados obtidos devem ser avaliados considerando os dados clínicos e os exames laboratoriais do paciente.

Limitações do Processo

Contaminações cruzadas que ocorrem durante a coleta da amostra, processamento, transporte e armazenamento poderão ocasionar resultados falsos.

Sensibilidade Analítica

A técnica foi capaz de detectar aproximadamente 2 moléculas alvo em 1 μ L do produto de extração de DNA adicionado a reação de amplificação.

OBS: A sensibilidade analítica do produto pode sofrer interferência de fatores como a eficiência do kit/método utilizado para a extração dos ácidos nucleicos, e a sensibilidade do equipamento termociclador em tempo real usado.

Significado Clínico

Babesia spp. são protozoários intraeritrocitários do filo Apicomplexa, transmitidos principalmente por carrapatos e que infectam um amplo espectro de mamíferos. Em cães, figuram entre os principais agentes de doenças transmitidas por vetores, com destaque em países em desenvolvimento e áreas com alta infestação por carrapatos. Diversas espécies infectam cães (por exemplo, *Babesia vogeli*, *B. canis*, *B. rossi*, *B. gibsoni*, *B. conradae*, *B. vulpes*), produzindo quadros que variam de infecções subclínicas à anemia hemolítica e doença sistêmica grave.

O quadro clínico típico inclui letargia, anorexia, febre, mucosas pálidas,

icterícia, esplenomegalia, perda de peso e hemoglobinúria. Laboratorialmente, são frequentes anemia regenerativa, trombocitopenia e alterações bioquímicas compatíveis com comprometimento hepático e renal, podendo ocorrer SIRS e MODS em casos complicados. A gravidade varia entre as espécies: *B. rossi* e *B. canis* associam-se a maior mortalidade e doença peraguda, enquanto *B. vogeli* tende a causar quadros mais brandos ou subclínicos, embora possa levar a doença grave em filhotes ou animais imunossuprimidos.

No contexto brasileiro, *Babesia vogeli* é a principal espécie identificada em cães, transmitida predominantemente por *Rhipicephalus sanguineus*. Estudos em cães não protegidos com ectoparasitidas mostram que a exposição a patógenos transmitidos por carrapatos, incluindo *Babesia* spp., é frequente e muitas vezes subdiagnosticada, reforçando a necessidade de métodos sensíveis para detectar portadores e infecções clínicas.

Em outras espécies, *Babesia* spp. também têm grande relevância veterinária. Em bovinos, *Babesia bovis*, *B. bigemina* e *B. divergens* são agentes clássicos de babesiose bovina, marcada por febre, anemia, icterícia e hemoglobinúria, com elevado impacto econômico. Em ovinos (e, em menor grau, caprinos), *Babesia ovis* pode causar babesiose grave, com anemia hemolítica e alta mortalidade. Em equídeos, a babesiose (“piroplasmose equina”) envolve *Babesia caballi* (ao lado de *Theileria equi*), cursando com febre, anemia, icterícia, edema e queda de desempenho, frequentemente com portadores crônicos. Em gatos, a babesiose felina, geralmente associada a *Babesia felis* e espécies afins, costuma ser crônica e de baixa intensidade, mas pode evoluir com anemia marcada e icterícia em alguns casos.

Do ponto de vista diagnóstico, o esfregaço sanguíneo é específico quando se observam hemácias parasitadas, porém pouco sensível em baixa parasitemia, infecções crônicas, portadores subclínicos ou animais já tratados. Métodos sorológicos ajudam a evidenciar exposição, mas não distinguem infecção ativa de passada e podem ser difíceis de interpretar em áreas endêmicas ou com coinfeções. Nesse cenário, a PCR em tempo real torna-se ferramenta central, permitindo detecção direta do DNA de *Babesia* spp. em sangue total (e, quando indicado, em outros tecidos), com sensibilidade superior ao esfregaço e possibilidade de identificação de espécies específicas quando o ensaio é desenhado para esse fim.

Para atender a essas demandas, o kit **Bio Gene Vet Babesia spp. PCR** oferece solução moderna e padronizada para detecção direta do DNA de *Babesia* spp. em amostras de sangue total com EDTA provenientes de cães, ruminantes, equídeos, felinos e outras espécies de interesse veterinário. O kit

é indicado para laboratórios que buscam alto desempenho no diagnóstico de babesiose, apoiando a confirmação etiológica de casos clínicos, a identificação de portadores em rebanhos e populações de risco e a vigilância epidemiológica em áreas endêmicas. Quando utilizado em conjunto com a avaliação clínica, hematológica e a investigação de outros hemoparasitas, o kit **Bio Gene Vet Babesia spp. PCR** contribui decisivamente para a tomada de decisão terapêutica e para o manejo sanitário de animais expostos a vetores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CLINICAL AND LABORATORY STANDARDS INSTITUTE (CLSI). Collection, transport, preparation and storage of specimens for molecular methods; approved guideline. CLSI document MM13-A. Pennsylvania, USA: Clinical and Laboratory Standards Institute, 2005.
2. ASRAR, R. et al. Bovine babesiosis: review on its global prevalence and anticipatory control for one health. *Continental Veterinary Journal*, v. 2, n. 2, p. 42-49, 2022.
3. DANTAS-TORRES, F.; FIGUEIREDO, L. A.; BRANDÃO-FILHO, S. P. Dogs, cats, parasites, and humans in Brazil: opening the black box. *Parasites & Vectors*, v. 7, p. 22, 2014.
4. DANTAS-TORRES, F. et al. Prevalence and incidence of vector-borne pathogens in unprotected dogs in two Brazilian regions. *Parasites & Vectors*, v. 13, p. 195, 2020.
5. DANTAS-TORRES, F. et al. Molecular epidemiology and prevalence of babesial infections in dogs in two hyperendemic foci in Brazil. *Parasitology Research*, v. 120, n. 7, p. 2681-2687, 2021.
6. ESMAEILNEJAD, B. et al. A review of babesiosis caused by *Babesia ovis* in small ruminants. *Tropical Animal Health and Production*, v. 57, p. 205, 2025.
7. HARTMANN, K. et al. Babesiosis in cats: ABCD guidelines on prevention and management. *Journal of Feline Medicine and Surgery*, v. 15, n. 7, p. 643-646, 2013.
8. HOMER, M. J. et al. Babesiosis. *Clinical Microbiology Reviews*, v. 13, n. 3, p. 451-469, 2000.
9. LEISEWITZ, A. L. et al. The diverse pathogenicity of various *Babesia* parasite species that infect dogs. *Pathogens*, v. 12, n. 12, p. 1437, 2023.
10. ONYICHE, T. E. et al. A review on equine piroplasmiasis: epidemiology, vector ecology, risk factors, host immunity, diagnosis and control. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 16, n. 10, p. 1736, 2019.

11. PENZHORN, B. L. Don't let sleeping dogs lie: unravelling the identity and taxonomy of Babesia canis, Babesia rossi and Babesia vogeli. Parasites & Vectors, v. 13, p. 184, 2020.

12. SOLANO-GALLEGLO, L. et al. A review of canine babesiosis: the European perspective. Parasites & Vectors, v. 9, p. 336, 2016.



QUIBASA QUÍMICA BÁSICA Ltda

Rua Teles de Menezes, 92 – Santa Branca

CEP 31565-130 – Belo Horizonte – MG – Brasil

Tel.: (31) 3439.5454

E-mail: sac@bioclin.com.br

CNPJ: 19.400.787/0001-07 – Indústria Brasileira

ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR

Serviço de Assessoria ao Cliente

Tel.: 0800 0315454

E-mail: sac@bioclin.com.br

SIMBOLOGIA UNIVERSAL

	NÚMERO DE CATÁLOGO		FABRICADO POR
	NÚMERO DO LOTE		CONTROLE
	DATA DE FABRICAÇÃO		CONTROLE POSITIVO
	DATA DE VALIDADE (último dia do mês)		CONTROLE NEGATIVO
	LIMITE DE TEMPERATURA (conservar a)		RISCO BIOLÓGICO
	O CONTEÚDO É SUFICIENTE PARA <N> TESTE		INFLÂMÁVEL
	CONSULTAR INSTRUÇÕES DE USO		CORROSIVO
	PRODUTO PARA DIAGNÓSTICO IN VITRO		TÓXICO
	PROTEGER DA LUZ E CALOR		NÃO UTILIZAR SE A EMBALAGEM ESTIVER DANIFICADA
	NÃO REUTILIZE		PRODUTO ESTERELIZADO
	CUIDADO		PERIGO

BIO GENE VET

Bioclin · QUIBASA

Bioclin · QUIBASA

 Rua Teles de Menezes, 92 . Belo Horizonte . MG . Brasil . CEP: 31565-130
Tel +55 31 3439 5454 . www.bioclin.com.br
FARM. RESP. Sílvia Wandalsen Arndt - CRF MG 7422
C.N.P.J.: 19.400.787/0001-07 - Indústria Brasileira